

ENTREVISTA
a Antonio Caño
El País

O Brasil, afirma o presidente Fernando Henrique Cardoso, é um país pobre, injusto. Segundo ele, grupos privilegiados controlam o Estado, transformado em instrumento de desigualdade.

Ele diz que sua missão desde que assumiu o cargo em 1994 é acabar com esse Estado do mal-estar social e criar um sistema no qual setor público e sociedade civil cooperem para criar riqueza. Tarefa urgente para um país que concentra 4% dos pobres do mundo, com cerca de 40 milhões de pessoas vivendo com menos de US\$ 1 por dia.

Antes de viajar ao Chile para participar da Cúpula das Américas, às vésperas de sua visita à Espanha, onde chegará na terça-feira, Fernando Henrique explicou sua receita de mudança. A entrevista que segue foi publicada ontem pelo jornal espanhol El País.

Pergunta — Existem queixas de que o Plano Real permite que a economia ande bem, enquanto o povo vive mal. É assim?

Fernando Henrique — Eu acho que nunca houve uma reforma econômica tão barata quanto esta. Geralmente, é preciso aplicar medidas muito rígidas para sair de um período de 12 anos de inflação. Aqui, foi feito um esforço para combater a inflação sem cair na recessão. Com o que fizemos desde 1994 até hoje, a economia não parou de crescer. Se esse crescimento for somado, devemos ter um aumento de 25% no Produto Interno Bruto desde então. Mesmo considerando os efeitos da crise asiática, espera-se que vamos crescer 2% este ano, o que não é ruim considerando que o crescimento populacional é de 1,4%. A renda média dos trabalhadores também aumentou consideravelmente. O dado mais preocupante é a falta de emprego. Mesmo assim, o desemprego não havia ultrapassado os cinco e pouco por cento até o ano passado. Não é um número alarmante. Subiu um pouco este ano, e deve estar um pouco acima dos 6% no final do ano.

Pergunta — Quais as correções que o senhor faria

Fernando Henrique Cardoso

José Varella 5.3.98



Desafio: FHC admite que o desemprego aumentou durante seu governo e estima uma taxa de 6% para final deste ano

no programa econômico em um segundo mandato?

Fernando Henrique — O programa econômico não terminou. Para que a inflação possa ser mantida em níveis estáveis e ter um crescimento de 3% ao ano, será preciso seguir uma política estreita de equilíbrio fiscal. O problema para combater o déficit fiscal é que são necessárias reformas estruturais que demoram muito para ser aprovadas no Congresso, especialmente a reforma da Previdência. Quando alguém se aposentava no setor público, cobrava 20% a mais de salário do que quando estava na ativa. Isso é insensato e já foi eliminado. Agora, vou ver se o Congresso aprova uma reforma que diga o seguinte: ninguém pode se aposentar ao menos que contribua à Previdência por 35 anos pelo menos e tenha mais de 53 anos de idade. Me parece muito razoável, mas aqui é um escândalo.

Pergunta — Suponho que é um escândalo porque afeta aspectos essenciais do Estado do bem-estar.

Fernando Henrique — Vocês podem falar de sociedades de bem-estar. Aqui, o que temos são sociedades de mal-estar. O que quero fazer é mudar o Estado do mal-estar e criar um Estado do bem-estar social.

Aqui, há grupos privilegiados que controlam uma grande parte do orçamento. O que quero é um Estado para todos.

Pergunta — Mas parece, levando em conta as políticas que estão em moda e que o senhor pratica, que a melhor maneira de criar um Estado para todos é eliminar o Estado.

Fernando Henrique — Sempre tem que haver o Estado. Sou totalmente contra as teorias neoliberais. Não acho que o mercado deve decidir o futuro. Tem que haver Estado, principalmente em países cheios de pobreza, como o nosso. Agora, esse Estado tem de ser reformado. Mas reformado para quê? Hoje, temos um sistema de divisão: ou seja, as gerações futuras pagam o bem-estar das gerações anteriores. Por que não ter também um sistema intermediário, que inclua também a capitalização, no qual existam fundos de capitalização. O Estado pode ser um instrumento que entorpece as decisões.

Pergunta — Neoliberalismo, sem dúvida.

Fernando Henrique — Não é isso. Os primeiros-ministros Tony Blair (Grã-Bretanha) e Lionel Jospin (França) são neoliberais? É preciso

reconhecer que o mercado existe e é um instrumento importante de distribuição de recursos. Mas não é tudo. O que não pode existir é um Estado que intervém irracionalmente, que cria condições de desigualdade crescentes em nome da igualdade. Acredito que as sociedades do futuro serão sociedades nas quais haverá mais espaços públicos e menos espaços burocráticos. E faço uma distinção entre público e estatal. Será necessário criar fórmulas de vincular a chamada sociedade civil ativa, organizada com o Estado. Isso não é neoliberalismo. Talvez Margaret Thatcher (ex-primeira-ministra da Grã-Bretanha) tenha sido neoliberal, mas nem ela conseguiu destruir a estrutura do Estado. Mas aqui não desejamos destruir o Estado.

Pergunta — Então o senhor se coloca no mesmo espaço ideológico de Blair e Jospin?

Fernando Henrique — E eles também me colocam neste espaço, claro. Blair já disse isso expressamente, como Antônio Guterres (primeiro-ministro de Portugal). Grosso modo, pensam o mesmo que eu penso. A situação é um pouco diferente na França. Talvez o socialismo francês seja um pouco mais apegado aos ideais do Estado. O problema geral é que as políticas públicas fo-

ram monopolizadas pelos setores mais poderosos para reproduzir a desigualdade, prejudicando amplos setores das camadas médias.

Pergunta — A economia brasileira e seu projeto de reforma estão consolidados?

Fernando Henrique — Eu acho que sim. Mais do que isso. A sociedade democrática também está consolidada. O importante é que o plano econômico se fez com o conhecimento e o apoio da sociedade. Hoje em dia, a sociedade brasileira dispõe de muita liberdade e muita informação. As pessoas podem se informar sobre seus interesses. O que aconteceu em outros países da América Latina e da Ásia, onde descobriram que as coisas não eram como se dizia, não poderia acontecer aqui.

Pergunta — Há três anos, o senhor dizia que a sua reeleição seria impossível. Hoje, pensa de outra forma?

Fernando Henrique — Ainda penso isso. A reeleição é muito difícil. Sou mais popular entre os pobres que entre os ricos. Por dois motivos. Primeiro, porque o controle da inflação permitiu que eles comessem. Segundo, porque não há qualquer sinal de corrupção no Brasil.

Pergunta — O senhor sempre foi o dirigente latino-americano mais avesso à Área de Livre Comércio das Américas (Alca) e disse isso pessoalmente ao presidente norte-americano, Bill Clinton, no ano passado. Ainda mantém essa opinião?

Fernando Henrique — Gosto de Clinton. Acho que ele tem valor, inteligência, que é direto. É uma pessoa com a qual se pode sentir bem facilmente. Quando visitou o Brasil, eu disse: Nós queremos a integração, mas não acreditamos que isso seja feito de forma a prejudicar o Mercosul. E isso pareceu razoável para ele. A Alca não pode ser feita destruindo o que temos. Não queremos perder nossa capacidade atual de diversificar nosso comércio. Não queremos entrar na Alca para acabar encaixotados. Queremos construir a Alca, mas cada um tem seus interesses e é necessário discutí-los de forma ampla. Não queremos discutir primeiro o que interessa aos Estados Unidos e depois, o que nos interessa.

Pergunta — Qual é sua opinião sobre Cuba?

Fernando Henrique — Mais cedo ou mais tarde, Cuba terá que seguir um caminho diferente do atual. Nunca tivemos uma política nem pró nem anti-Cuba. Nunca fomos nem como o México, mais próximo, nem como a Argentina, mais distante. Nossa política era cautelosa, mas não hostil. Pessoalmente, acho que Fidel Castro poderia atuar mais nas mudanças internas. Não entendo por que não faz. Acho que não fará. Seu discurso é o do meu mundo acabou, até emocionado. Mas ninguém deve se conformar com o fim de seu mundo. É preciso se adaptar ao mundo, ao mundo que existe. Nossa obrigação é encontrar uma maneira de tirar mais proveito para o povo do mundo que existe. É como quando me perguntam se sou a favor da globalização. A globalização é um fato, eu não defendo a globalização, eu defendo o povo, a liberdade, a igualdade. E tento tirar o maior proveito da globalização para o povo.

Pergunta — Quanto o Brasil conseguiu com as privatizações? Quanto mais espera arrecadar?

Fernando Henrique — O Estado brasileiro é rico. Até hoje, tiramos cerca de US\$ 25 bilhões. Os ativos do Estado devem estar entre os US\$ 100 bilhões e os US\$ 150 bilhões.

IDÉIAS

“O PROBLEMA PARA COMBATER O DÉFICIT FISCAL É QUE SÃO NECESSÁRIAS REFORMAS ESTRUTURAIS QUE DEMORAM MUITO PARA SER APROVADAS NO CONGRESSO, ESPECIALMENTE A REFORMA DA PREVIDÊNCIA”

“SOU TOTALMENTE CONTRA AS TEORIAS NEOLIBERAIS. NÃO ACHO QUE O MERCADO DEVE DECIDIR O FUTURO. TEM QUE HAVER ESTADO, PRINCIPALMENTE EM PAÍSES CHEIOS DE POBREZA, COMO O NOSSO”

“O QUE NÃO PODE EXISTIR É UM ESTADO QUE CRIA CONDIÇÕES DE DESIGUALDADE CRESCENTES EM NOME DA IGUALDADE. ACREDITO QUE NAS SOCIEDADES DO FUTURO HAVERÁ MAIS ESPAÇOS PÚBLICOS E MENOS ESPAÇOS BUROCRÁTICOS”



“O PROBLEMA GERAL É QUE AS POLÍTICAS PÚBLICAS FORAM MONOPOLIZADAS PELOS SETORES MAIS PODEROSOS PARA REPRODUZIR A DESIGUALDADE, PREJUDICANDO AMPLOS SETORES DAS CAMADAS MÉDIAS”

“A REELEIÇÃO É MUITO DIFÍCIL. SOU MAIS POPULAR ENTRE OS POBRES QUE ENTRE OS RICOS”

“A ALCA NÃO PODE SER FEITA DESTRUINDO O QUE TEMOS. NÃO QUEREMOS PERDER NOSSA CAPACIDADE ATUAL DE DIVERSIFICAR NOSSO COMÉRCIO. NÃO QUEREMOS DISCUTIR PRIMEIRO O QUE INTERESSA AOS ESTADOS UNIDOS E DEPOIS, O QUE NOS INTERESSA”